

# A INTERPRETAÇÃO DE DOM QUIXOTE DE GREGÓRIO DE MATTOS: UMA LEITURA DE SANCHO PANÇA

**Resumo:** O presente artigo trata da leitura do personagem Sancho Pança, realizada por Gregório de Mattos, no poema “As festas a cavalo que se fizeram em louvor das onze mil virgens”. Os objetivos deste trabalho são verificar qual a interpretação que o poeta faz de Sancho Pança, personagem da obra *Dom Quixote de La Mancha* e qual a sua contribuição para a recepção brasileira. O poema tem valor histórico por ser um dos primeiros sinais da presença de interpretações cervantinas no Brasil. Propomos investigar o contexto, o autor, o vocabulário que referencia o escudeiro de Dom Quixote e a leitura deste romance na época de sua recepção. Vieira (2012), Reguera (2006), Junqueira (2012) e Hansen e Moreira (2014) embasam nossas reflexões, reforçando a hipótese de que o Gregório de Mattos leu o personagem adaptando-o às questões de seu tempo.

**Palavras-chave:** *Dom Quixote*. Sancho Pança. Recepção brasileira. Gregório de Mattos.

## DON QUIXOTE'S INTERPRETATION BY GREGORIO DE MATTOS: A READING OF SANCHO PANZA

**Abstract:** This paper deals with the reading about the character Sancho Panza, performed by Gregorio de Mattos in Poem “The horse parties that were held in praise of the eleven thousand virgins”. The aim of this article is to verify the interpretation that the poet does of Sancho Pança- Don Quixote de la Mancha's character, and present what is his contribution to the Brazilian reception. The poem has historical value because it is one of the first signs of the presence of cervantine interpretations in Brazil. We propose to investigate the context, the author, the vocabulary that references Don Quixote's valet and the reading of this novel at the time of its receiving Vieira (2012), Reguera (2006), Junqueira (2012) and Hansen and Moreira (2014) support our reflections reinforcing the hypothesis that Gregorio de Mattos read the character adapting it to the issues of his time.

**Keywords:** Don Quixote. Sancho Panza. Brazilian's Reception. Gregório de Mattos.

## Introdução

Este texto aborda a leitura de Gregório de Mattos Guerra sobre o personagem Sancho Pança, presente na obra *Dom Quixote*. Trata-se, segundo Junqueira (2012), de uma das primeiras interpretações brasileiras realizadas sobre a obra cervantina, que chega ao Brasil e à América Latina durante florescimento do Barroco, marcado pela vertente realista desse período literário, alicerçado na literatura picaresca e na sátira dos costumes. Essa inscrição ajuda a compreender “a primeira manifestação da influência do Dom Quixote entre nós possa ser percebida no poeta s a t í r i c o Gregório de Matos, que domina toda a literatura barroca produzida no Brasil durante o século XVII. (JUNQUEIRA, 2012, p. 3)

A menção de Mattos a Sancho Pança ocorre no mesmo século em que a primeira parte de *Dom Quixote* foi publicada e chegou à América Latina pela primeira vez, no século XVII, em Puerto Belo, Tierra Firme, atual Panamá, ainda em 1605 e o poema de Mattos data do final do século, na década de 1680.

Segundo Junqueira (2012), *Dom Quixote* torna-se conhecido no Brasil durante a predominância das obras barrocas de vertente realista, de tom satírico e crítico de costumes. Por isso, nossa hipótese é de que a interpretação gregoriana de Sancho Pança venha dessa influência. Outra razão é a forma como a obra cervantina foi lida em Portugal. Dessa maneira, dividiremos o texto em duas partes: 1) Contexto da interpretação e 2) A leitura de Sancho Pança no poema gregoriano.

## Contexto da Interpretação

O contexto da aparição do poema “As festas a cavalo que se fizeram em louvor das onze mil virgens” - texto gregoriano - de Gregório de Mattos e as primeiras presenças de *Dom Quixote* na

América Latina, onde está o verso que referencia Sancho Pança, data do mesmo século em que os primeiros exemplares chegam em Puerto Belo. Contudo, não há notícias conhecidas de o mesmo tivesse ocorrido no Brasil antes do século XIX, com o início da Biblioteca Nacional. Por isso, é possível que no Brasil a obra tenha sido conhecida antes da presença física dos exemplares. Segundo Câmara Cascudo (1952), houve migrações de espanhóis para o território brasileiro, o que facilitou o acesso indireto do povo aos personagens. Isso porque os enredos eram conhecidos bem antes de serem publicados. Portugal, por exemplo, conheceu *Don Quixote* tão logo a primeira parte da obra veio à luz, tendo em vista o domínio espanhol, nesse país durante o século XVI e parte do XVII.

A importância de estudar a leitura gregoriana sobre Dom Quixote deve-se ao fato dela ser a interpretação brasileira de Dom Quixote, e de ser mencionada como um primeiro sinal da recepção da obra de Cervantes. Além disso, trata-se de uma abordagem pertencente ao início da construção da literatura brasileira, em cuja história se inscreve a referência a uma das obras mais importantes da literatura ocidental. Esse período é pouco estudado na história da recepção brasileira de Dom Quixote e a menção realizada por Gregório de Mattos ao Quixote e ao Sancho, protagonistas do romance. Está inserida em um pequeno fragmento de uma das estrofes do poema “As festas a cavalo que se fizeram em louvor das onze mil virgens”, escrito ou declamado na ocasião da festa religiosa medieval das Onze mil virgens no Brasil, provavelmente, realizada na Bahia, em Salvador<sup>1</sup>. De qualquer forma é relevante analisar como Gregório de Mattos lê Sancho Pança e como Dom Quixote se inscreve na recepção brasileira.

1 A festa das onze mil virgens relembra a lenda da princesa Úrsula e suas onze mil virgens acompanhantes e era comemorada no dia 21 de Outubro. Para maior aprofundamento ver Duarte (2012). milagres. Desde esta data, as festas em homenagem às onze mil mártires eram promovidas no dia 21 de outubro de todos os anos.

Acerca do lugar da recepção da obra cervantina no Brasil cabe perguntar: por que esta interpretação de Gregório de Mattos é pouco mencionada e estudada pela crítica brasileira? Entendemos que uma das razões é que apenas um verso do poema em especial menciona o personagem Sancho, não se tratando de uma produção dedicada exclusivamente ao *Quixote*. Junqueira (2012) aponta essa menção como o primeiro sinal de leitura de *Quixote*, mas Brito Broca (1952, edição 1964) destaca a ópera de Antônio José, ocorrida em 1733, em Lisboa e não menciona Gregório de Mattos. Outra razão provável para isso é que, além de ser um pequeno fragmento, há a autoria duvidosa de Mattos sobre esse poema e de suas obras em geral. Muitas das obras atribuídas a ele não são, exatamente, suas, segundo Lima (2013). Vários poemas foram manuscritos em códices, por vezes, por outros mulatos cultos, devido a prática da oralidade, no século XVII. Além disso, as publicações quando ocorriam era bastante precárias, já que neste período não havia ainda imprensa no Brasil, ao contrário de alguns países latino-americanos, como México e Peru. Se tratando de Mattos, de acordo com Lima (2013):

É importante frisar que a imprensa era proibida. Por falta dessa publicação, os poemas de Gregório de Mattos e de outros poetas foram reunidos em códices. Há em torno de vinte e três códices apógrafos setecentistas que trazem os poemas de Gregório de Mattos e a partir desses códices foram surgindo antologias que buscaram reunir a obra completa dele. (LIMA, 2013, p. 41)

Por isso, há controvérsias em torno deste poema e do restante da obra gregoriana. Além disso, a própria vida do poeta é cercada de mistérios e contradições, presentes em várias pesquisas. Contudo, Lima (2013) aponta como dentre as biografias da vida do poeta a investigação de Fernando da Rocha Peres,

[...] com quem compartilhamos o mesmo

retrato do poeta: Gregório de Mattos e Guerra nasceu na Bahia de Todos os Santos em 1636. Herdeiro de uma família abastada, Gregório teve como avô Pedro Gonçalves de Matos, homem influente que vem, antes de 1626, da Vila de Guimarães de Portugal para a Bahia, trazendo seu filho Gregório de Matos. Ora, a América era o lugar para trazer a família ou formar família. [...] Portanto, o jovem Gregório nasceu em um berço ilustre da colonial Bahia. Com pais influentes, ele teria uma educação nos moldes europeus. (LIMA, 2013, p.38)

Pouco antes do final do século, o poeta esteve um tempo residindo em Portugal, estudando Direito em Coimbra. Antes do escritor nascer, em meados de 1636, contudo, o país foi dominado pela Espanha e se libertou em 1640. Diante disso, é possível que tenha acessado a obra cervantina e sua leitura tenha sofrido influências portuguesas. Esses fatos podem explicar, em parte, a forma como o poeta satírico aborda Sancho Pança no poema, o que corrobora com a nossa hipótese de adequar o personagem às contingências sociais do seu tempo. De acordo com Reguera (2005, p. 23): “En la coyuntura histórica de 1640, con la independencia de Portugal al fondo, el *Quijote* recibe una lectura política anticipó un tipo de acercamiento que se reiterará en épocas posteriores.”<sup>2</sup> Dessa forma, Reguera (2005) aponta que, de acordo com a leitura de alguns críticos da época, como Manuel Faria, os escritores portugueses, como Camões, já associavam Cervantes e seu personagem Dom Quixote, com o desaparecido rei São Sebastião<sup>3</sup> e

2 Na conjuntura histórica de 1640, com a independência de Portugal ao fundo, o Quixote recebe uma leitura política antecipou uma aproximação que se reiterará nos séculos seguintes.

3 Dom Sebastião, ou “o desejado”, é um jovem rei português de 24 anos, cujo reinado iniciou em 1557 e terminou com seu desaparecimento e morte na batalha em Alcácer-Quibir, 4 de agosto de 1578. Este rei recebe a alcunha do santo católico que era um soldado romano defensor dos prisioneiros cristãos. São Sebastião foi perseguido, atirado ao rio e alvejado por flechas, sobrevivendo e clamando aos romanos que libertassem os cristãos. Após isso, é finalmente assassinado. O desaparecimento do rei o aproxima ainda mais deste santo. (Pires, 1969). A referência a Dom Sebastião relacionada a Don Quixote é realizada pelo crítico Manuel Faria y Souza, comentador de Camões, no século XVII, que, segundo Reguera (2005, p.23): “incorpora uma larga nota para aclarar los dos versos que cierran la estrofa 26 del canto IX de Os Lusíadas indicando que hay en ellos una secreta alusión al rey Don Sebastián, muerto mucho antes en la batalla de

às circunstâncias histórico-políticas do momento<sup>4</sup>. Estas circunstâncias estão relacionadas, principalmente, a Sancho, como aponta Reguera (2005), e à prática europeia de colocar pessoas não capacitadas para governar<sup>5</sup> e que Cervantes teria efetivado uma crítica a isso, especialmente, na segunda parte da obra, na qual os leitores duques dão, ainda que de forma ficcional, uma falsa ilha para Sancho governar. O mesmo autor informa, ainda, que foi realizada uma sátira portuguesa anônima em 1641, representando

Don Quijote se dispone a vengar a Castilla de la declaración de independéncia de Portugal. En la caricatura, los personajes novelescos representan al rey y al conde Duque, el mismo que había tenido presente, casi veinte años antes, en 1624, los consejos de don Quijote a Sancho para ilustrar a su yerno, el Duque de Medina de las Torres. (REGUERA, 2005, p.24)<sup>6</sup>

Esta possível influência portuguesa na leitura gregoriana de Sancho Pança consiste em mais uma razão importante a investigação do poema “Onze mil virgens”, uma vez que está inscrita, não apenas na recepção brasileira, mas no panorama geral da recepção de Dom Quixote. Além disso, a interpretação gregoriana aponta para uma tendência de leitura metafórica, simbólica e satírica sobre esta obra cervantina que se tornou frequente no cenário brasileiro nos séculos seguintes.

A interpretação do poema, destacada acima não é diferente das que foram realizadas nas do restante da produção literária considerada gregoriana. Assim, que volta ao Brasil, Mattos depois de viver 32 anos em Portugal,<sup>7</sup> começa, segundo Alcazarquivir.”

4

<sup>5</sup> Esta leitura de Sancho Pança também está presente na ópera de Antônio José da Silva, o judeu, em 1733.

<sup>6</sup> Dom Quixote se dispõe a vingar Castilla da declaração de Independência de Portugal. Na caricatura, os personagens novelescos representam o rei e o conde Duque, o mesmo que ocorreu, quase vinte anos antes, em 1624, os conselhos de Don Quixote a Sancho para ilustrar o seu genro, o Duque de Medina das Torres.

<sup>7</sup> Gregório de Mattos viveu parte do tempo em que Portugal foi dominado pela Espanha. Este domínio durou

Lima (2013), “[...] a fazer sátiras constantes à sociedade colonial baiana, como forma de “punir” as atrocidades ali cometidas”. (LIMA, 2013, p. 41). Essa atitude se intensifica com a perda dos cargos de tesoureiro-mor da Sé de Salvador e de desembargador da Relação Eclesiástica da Bahia, nomeado pelo rei D. Pedro II, assumidos logo após a volta ao Brasil, em 1862. Isso ocorreu por Mattos não querer se tornar padre (LIMA, 2013).

O poema foi escrito entre 1684 e 1687, de forma que compreende o tempo em que Gregório de Mattos estava no Brasil sem os cargos que ocupou após a sua vinda. Dessa maneira, esse texto integra a sua obra satírica e pode ser entendido como uma crítica à igreja, ao conde do Prado e à sociedade colonial brasileira, identificada fortemente com os valores católicos, mantendo marcas do sistema medieval já abandonado e ultrapassado na Europa. Cervantes critica este sistema em *Dom Quixote*. Conforme Lima (2013), “a Espanha, por muitos anos, dominou Portugal e consequentemente foi “proprietária” do Brasil e como poder dominante, a Espanha impunha sua língua, sua cultura, sua religião aos povos dominados. A língua de Castela invadiu Portugal, dominando a corte e a literatura.” (LIMA, 2013, p. 40). Consequentemente, também o fez com o Brasil, se constituindo em um outro fator que explica a leitura gregoriana do *Quixote* no fim do século XVII.

Além disso, a formação tanto jesuítica, quanto espanhola que obteve durante os 32 anos que viveu em Coimbra, justificam a escolha de *D. Quixote* como menção e crítica política à Festa dos cavalos em homenagem às onze mil virgens. Segundo Lima (2013),

Tendo estudado no Colégio dos Jesuítas na Bahia, Gregório certamente teve contato com os clássicos da Literatura Universal, pois fazia parte da educação jesuítica trabalhar traduções de poetas, incentivando inclusive a imitação deles, ou seja, de alunos tanto traduziam quanto

sessenta anos, entre 1580 a 1840, sendo este último ano o de sua independência (LIMA, 2013).

produziam seus próprios poemas tomando como exemplo os ali estudados. E quando fez o curso de Humanidades em Coimbra, certamente o contato com os clássicos se deu de forma mais consistente, inclusive porque a língua latina era a base do ensino daquela época. Nesse sentido, Gregório teve contato com Horácio, Ovídio, Cícero, Virgílio. Isso nos ajuda a compreender o trabalho poético de Gregório de Mattos, quando da sua *imitação* dos dois poetas ícones da literatura espanhola, Gôngora e Quevedo. Com relação a este, Pedro Calmon (1983) chega a afirmar que o poeta não o copia ou imita, mas revive-o. O contato com esses poetas trouxe para Gregório tanto a cultura como a língua espanhola, pois se sabe que a literatura é uma das formas de difusão da cultura de um país, de uma região, de um povo. (LIMA, 2013, p. 39)

A estética espanhola do “siglo de oro” influenciou a obra gregoriana e de outros escritores e artistas brasileiros do século XVII. Logo, Gregório de Mattos recebeu grande influência de Quevedo<sup>8</sup> e Gôngora, principalmente. Vale destacar, também, a influência de Cervantes, sobretudo, no estilo da sátira e da ironia que o poeta usa para fazer crítica social. Cervantes satirizou, sobretudo, a linguagem pedante dos aristocratas e Mattos se utiliza desta característica em suas obras, porém, ainda é bem fiel ao estilo barroco. Por isso, esta é mais uma razão da importância de estudar esta leitura gregoriana de Sancho Pança.

Junqueira (2012) afirma o estilo barroco pela presença dos contrastes marcados em *Dom Quixote*, principalmente, entre os dois protagonistas, Quixote e Sancho, diferentes em linguagem, comportamento, classe social e intenção de vida, posto que enquanto o primeiro queria viver e adquirir um sentido para sua existência, o segundo, preocupava-se primordialmente com a sobrevivência, traduzida na ideia recorrente do alimentar-se constantemente. Esta representação era cômica e satírica, vista no século XVII, segundo Reguera (2005), “obra para ‘universal entretenimiento de las gentes’, del ‘más gustoso y

<sup>8</sup> Sobre Quevedo, especificamente, existe o Núcleo Quevedo, coordenado pela professora Doutora Andrea Cesco, da Universidade Federal de Santa Catarina. <https://nucleoquevedo.paginas.ufsc.br/quem-somos/> Acesso em: 09\08\2020.

menos prejudicial entretenimiento que hasta agora se haya visto’ (II, 3), libro para hacer olvidar los libros de caballerías (II,16)” (REGUERA, 2005, p.20)<sup>9</sup>.

O que expusemos até agora marca o contexto geral da aparição do poema “As festas a cavalo que se fizeram em louvor das onze mil virgens”, mostrando como ele se constitui em um primeiro sinal de recepção, destacando também, algumas possíveis razões dele ter sido pouco estudado pela crítica cervantina. Passamos para a análise da leitura gregoriana sobre o personagem Sancho do poema em questão.

### **A leitura sobre Sancho Pança no poema gregoriano.**

Estipulamos como hipótese, o fato de Gregório de Mattos Guerra ter usado o personagem Sancho Pança para ler as situações locais do seu contexto, seguindo a sua tendência literária de crítica social, presente nas suas demais obras. Desse modo, explicitamos e demonstramos, neste subtítulo, as razões para nossa interpretação da leitura gregoriana. A primeira razão é a menção explícita a um nobre, o conde do Prado. A segunda, baseia-se no próprio vocabulário utilizado para se referir ao cavaleiro que possui relação com esta figura. A terceira, consiste na maneira como era interpretado o próprio personagem Sancho Pança. As três razões elencadas se relacionam e se referem ao modo como o personagem cervantino é interpretado e a forma de adaptá-lo às questões sociais locais.

O verso principal que cita o personagem Sancho é o seguinte: “Uma aguilhada por lança\ trabalhava a meio trote\ qual o **Moço de Dom Quixote,**\ **A que chamam Sancho Pança:**\na

<sup>9</sup> Obra para universal entretenimiento do povo, o mais gostoso e menos prejudicial entretenimiento que até agora se viu, livro para fazer esquecer os livros de cavalaria. (tradução minha).

cara infame, confiança, \ na sela infame, pernetas, \ e com tramóia discreta, \ ia sobre o seu jumento \ pelo arreio, e nascimento \ à bastarda e à gineta” (grifos nossos). (MATTOS, 1992, p. 35). No entanto, para chegar até este verso, é preciso interpretar a relação com o conde e recuperar o que tratam os versos anteriores.

Em relação à primeira razão, Gregório de Mattos, possivelmente, declamou o poema “As festas a cavalo que se fizeram em louvor das onze mil virgens” durante a ocasião da Festa de mesmo nome, e se refere-se, logo nas primeiras estrofes, ao conde de Prado, que estava na plateia. A menção específica a *Dom Quixote*, especialmente, a Sancho Pança, de acordo com a afirmação de Junqueira (2012), refere-se a um cavaleiro, ao que parece, sobrinho ou um filho deste nobre, que participava da cavalcada. Entretanto, o poeta anuncia a presença do conde já nas primeiras estrofes, conforme o fragmento: “Sua Excelência assistia, o Conde, e toda a Nobreza, e os padres por natureza lhes faziam companhia.” (MATTOS, 1992, p. 33). Por isso, um primeiro entendimento do que consiste esta referência ao Quixote e a Sancho, neste poema, demanda o conhecimento de quem era o conde de Prado, seus familiares e a relação que Gregório estabelecia com eles. Nesse caso, o conde do Prado era, segundo Hansen e Moreira (2014):

Marquês de Minas. Don Antonio Luis de Souza (1644-1721). Foi o quarto conde do Prado em vida do pai e, após a morte deste, o segundo Marquês de Minas. Entre os anos de 1684 e 1687, foi nomeado governador e capitão-geral do Estado do Brasil, onde fez um bom governo, apesar dos eventos desfavoráveis, como a Revolta do Maranhão, de 1684, quando os insurrectos Manuel Beckmann e Manuel Serrão de Castro depuseram as autoridades locais e declaram autonomia frente ao governo metropolitano. (HANSEN E MOREIRA, 2014, p. 4)

O conde do Prado representava, portanto, uma autoridade importante do Brasil colonial do século XVII e, segundo o poema gregoriano em

questão, estava presente na festa. A data da festa religiosa não é precisa, sabe-se, apenas, que ocorreu no dia 21 de Outubro entre 1684 e 1687, portanto, localizada no fim do século XVII e mais distante da chegada dos primeiros exemplares da obra em Terra Firme, em 1605. Consiste em uma cavalcada em homenagem às santas virgens, uma festa oriunda do período medieval.

A segunda razão é o uso do vocabulário referente ao sobrinho. A certa altura da cavalcada, um dos membros da nobreza e um dos melhores cavaleiros, chamado Araújo, cai no chão por ser atravessado pelo cavalo de um outro nobre, que pode ser o sobrinho do Conde do Prado:

Ao Araújo famoso  
no princípio da carreira,  
resvelou-lhe a dianteira  
o cavalo furioso:  
cego, arrojado e fogoso,  
entre uns baetas meteu-se:  
quem sentado estava, ergueu-  
-se:  
porém o baixel violento  
como ia arrasado em vento,  
deu nuns bancos, e perdeu-se.

Caído o moço infeliz, houve grita e alarido, sendo que cai o entendido em tudo, que se lhe diz: ergueu-se em menos de um triz, e pondo-se na vareda correu com cara tão leda, que causou admiração (MATTOS, 1992, p.35)

O cavaleiro, que se chamava Araújo, caiu, mas logo se recompôs com altivez. O outro, ‘o sobrinho’ conforme o verso a seguir, levantou-se do chão e tentou socorrê-lo, após uma possível tentativa de trapaça que aplicara: “Um **sobrinho** (grifo meus) do Frisão \ao cheiro acudiu dos patos, \ porque é públicos atos \ **mui ousado um patifão** \ presa a rédea a um arpão \ nos estrivos dois arpêus \ pus eu os olhos nos céus, e disse que bem podiam \ louvar a Deus, os que viam \ a cavalo um louva Deus.” (grifos nossos) (MATTOS, 1992, p. 35). Desses versos é possível apreender que este

cavaleiro era, a princípio, nobre, tendo em vista que o verso indica “sobrinho do frisão”.

De acordo com Ferreira (2004, p. 813), “Frisão” têm dois significados, “Frisão: 1. Da frísia, antiga província da Holanda; frísio.2. natural ou habitante da frísia.3. língua dos antigos frisões. 4. Cavalo forte, corpulento, da raça originária da frísia.” Não consta que haja algum habitante da Frísia nesta cavallhada na Bahia, de modo que “frisão”, no fragmento, tem duplo sentido, posto que denota o cavalo forte e corpulento usado na corrida, mas a posição social que este cavaleiro ocupa no Brasil colonial figurativamente é a de um sobrinho de uma autoridade, forte como um cavalo, que tem influência.

A crítica gregoriana reside na denúncia da falta de conduta, como evidenciam os instrumentos usados para derrubar o oponente, posto que a lança que desferiu o golpe não estava em sua mão, mas presa na rédea do cavalo. Em uma cavallhada medieval, a lança vai na mão do cavaleiro e não parcialmente escondida. Desse modo, o poeta denuncia a tentativa de enganar tanto o oponente quanto a plateia que assistia o torneio, posto que tenta passar uma boa imagem, acudindo o cavaleiro. Conforme as etimologias encontradas nos dicionários Houaiss (2009) e Ferreira (2004), “ao cheiro acudiu dos patos”, significa, caso consideremos os termos separadamente e respectivamente, “com odor de santidade, ou sob suspeita e desconfiança, socorreu, enganando os tolos”, pois, “cheiro”, ou: ”2. Estado de graça permanente de uma pessoa, o qual faz presumir sua admissão no rol dos santos. Odor de Santidade.”, ou ainda, conforme Houaiss (2009, p.452), “6. Desconfiança, intuição, suspeita.. Na ordem da expressão, acudir é socorrer e “dos patos”, significa, conforme Houaiss (2009, p.1446), “2. Indivíduo tolo, parvo. 3. Jogador ruim”.

A denúncia se completa pelos termos “patifão”, que contrasta com “louva- a Deus”, em

que o poeta considera a hipocrisia da cena em que o cavaleiro trapaceiro tenta mostrar ao público da cavallhada que está jogando limpo ao tentar socorrer o outro cavaleiro e, por isso, adota uma postura de um louva-a-Deus, no sentido de honrar a festa, que prega a virtude. Desse modo, sendo o cavaleiro um nobre, o poema ridiculariza a festa e seus participantes, uma vez que há contrastantes entre a festa religiosa, que se pretende virtuosa e as atitudes de um cavaleiro, em especial, que é desonesto e hipócrita.

Como se pode interpretar no verso central, com a referência a Sancho Pança, referido anteriormente, o nobre trapaceiro não venceu o combate e é ridicularizado por Mattos, que o chama de arrogante (infame confiança), corrupto e desonesto em sua prática na cavallhada, porém, desmoralizado e cambaleante pela queda (na sela infame, pernetta), uma vez que o cavalo se machucou, porque andava como se estivesse sobrecarregado, como está no verso “uma aguilhada por lança, trabalhava a meio trote.” No restante do verso, a palavra ‘frisão’, antes cavalo forte, robusto, é trocada por “jumento”, simbolizando a decadência moral desse personagem, posto que o termo tramóia significa conforme o dicionário Houaiss (2009, p.186): “maquinação secreta com o objetivo de iludir alguém ou prejudicar algo ou alguém; ardil, artifício, trampolinice.”. (HOUAISS, 2009, 186).

Por fim, o poeta destitui o cavaleiro de qualquer autoridade quando afirma: “à bastarda e à gineta”, que remete à origem e ao sangue porque, embora o cavaleiro provavelmente seja um nobre, também é mulato, um mestiço, e não um português puro, como se pode entender pelo fim da estrofe, denunciando as relações sexuais, ou melhor dizendo, estupros de negras escravas pelos donos de terras e autoridades (pelo arreo, e nascimento, à bastarda.). Ao mesmo tempo, por ser de família influente, o termo “ginete” remete ao cavalo, cuja

origem é, segundo o dicionário Houaiss (2009), do árabe “zenete”, mas também á significação antiga de insígnia de capitão, ou seja, recebimento de favores e títulos importantes sem merecimento, prática comum no Brasil colonial.

A questão da cor é importante para distinguir o que era aristocrata e do que não era. No Brasil, o mulato era, segundo Antônio Cândido (1964), rejeitado duplamente, pois não era nem negro e nem branco. Como mestiço e nobre, o sobrinho do conde do Prado não era considerado pelo poeta como uma autoridade legítima, pois isso denunciava as relações extraconjungais ou estupro presentes na família dos nobres com as escravas. Nesse sentido, o sobrinho mencionado era, provavelmente, um filho ilegítimo, o qual também escravizava os negros e os tratava como se fosse branco.

Por fim chegamos à terceira razão, a referência a Sancho Pança. Neste sentido, o personagem cervantino é usado como referência não porque, na obra de Cervantes, seja de má conduta, mas porque se trata do oposto da postura ativa e “discreta” do Quixote. Sancho era um homem do povo, de linguagem e modos simples, cuja preocupação essencial era comer e sobreviver. Dessa forma, o poeta o utilizou para ridicularizar a “nobreza” do cavaleiro, que poderia ser identificado a Dom Quixote pela condição aristocrática, mas está mais para um Sancho Pança. O poeta debocha do nobre de ação corrupta, o qual pretendia vencer e acabou desmoralizado, no chão, conforme expressões anteriores “acudiu aos patos” e neste verso “perneta” em relação a “que ou aquele que não tem uma perna ou que apresenta algum defeito físico em uma das pernas.” (HOUAISS, 2009, p. 147.) Por isso, associou o nobre a Sancho pela situação ridícula em que se encontrava.

Desta maneira, relacionando as três razões, isto é, a referência ao conde do Prado, a elite e uma das autoridades daquele tempo; os significados

dos termos colocados nos versos anteriores ao que menciona o personagem Sancho Pança e a interpretação do personagem cervantino, há uma interpretação em que é usado para criticar as questões sociais vigentes no Brasil colônia na poesia gregoriana, reforçando a nossa hipótese.

Desse modo, a tabela a seguir mostra a proximidade das etimologias encontradas nos dicionários da interpretação realizada, a qual é muito semelhante com a que está presente em Portugal em 1624 e 1640:

|  |   |
|--|---|
| Sancho Pança: sinônimo de indivíduo vil, que não sabe governar, recebeu falsa autoridade. (valor negativo, depreciativo e cômico.) | Significados mais próximos  |
| Sobrinho do Frisão<br>Sancho Pança (falsa autoridade).   | Frisão: cavalo forte e corpulento. Força da autoridade.   |
| Características: fingido, posa de boa gente, socorrendo o cavaleiro que trapaceou. Engana o cavaleiro e a plateia.                 | Ao cheiro acudiu dos patos:<br>Cheiro: Desconfiança, intuição, suspeita. Ou Estado de graça permanente de uma pessoa, o qual faz presumir sua admissão no rol dos santos. Odor de Santidade.<br><br>Acudiu: socorrer.<br><br>Patos: tolos. (plateia da cavallhada tola.) ou jogador ruim. |
|  | Louva a Deus: alguém de joelhos, aquele que louva.  |
| Aplica uma trapaça para derrubar o outro cavaleiro.  | Patifão: grande e notório patife, sinonímia de pulha ou trapaceiro.<br><br>AURÉLIO, 2004, P.1507: GRANDE PATIFE, tratante, velhaco, patifório. Patife: desavergonhado, descarado, insolente. 2. Tratante, velhaco, maroto.  |

|                            |  |
|----------------------------|--|
| Falsa nobreza, autoridade. | Bastarda: filho ilegítimo do casamento, impuro.<br><br>Gineta: possui título ou insígnia de capitão. |
|----------------------------|--|

Fonte: O próprio autor.

A seleção dos significados que se aproximam da depreciação ética de Sancho Pança ao compará-lo com o cavaleiro brasileiro trapaceiro da cavalhada das onze mil virgens levam a referência à promessa de Don Quixote ao seu escudeiro de que seria recompensado com um governo de uma ilha, ou ínsula, por segui-lo, como um costume cavalheiresco e medieval. Na segunda parte da obra, publicada antes de Gregório de Mattos nascer, esse intento se concretiza, ainda que como galhofa dos duques na condição de leitores e co-autores da história dos dois protagonistas já escrita pelo árabe Cid Hamete. São eles que armam para Sancho um falso governo de uma ilha, tarefa para a qual o escudeiro não revela habilidade. Desse modo, o poeta leu esta parte, pois, ao ridicularizar o cavaleiro aristocrata na cavalhada das Onze mil virgens, critica o seu não merecimento de estar nesta posição: primeiro, pela tramoia, segundo, por razões de origem e raça e pelo fato que o poeta traz à tona para comparar com as falsas autoridades brasileiras do XVII, que, na verdade, são como “Sanchos Panças” que querem governar ínsulas, mas não têm capacidade, visão sobre a obra presente em Portugal também, a partir de 1640.

Neste fragmento, se pode apreender que Dom Quixote, embora não usado na comparação, é o personagem que representa a aristocracia falida do século XV, e que parte desse sistema veio para a organização do Brasil colônia do XVII, desde as festas religiosas medievais, como a das Onze mil virgens, ou de Santa Úrsula, até as relações de

poder e servidão. Desse modo, o relacionamos com o Conde do Prado, referido no início do poema. Já Sancho Pança, no caso, é o sobrinho cavaleiro, o qual representa um popular que sonha em ser notório tanto quanto os aristocratas, despossuído de ideal, preocupado com sua própria sobrevivência e que não pestaneja de aceitar, sem merecimento, uma ilha para governar ou outra benesse para sair da pobreza. Desse modo, os “nobres brasileiros” da elite colonial do século XVII são comparados a Sancho Pança por Gregório de Mattos, que usa a leitura cômica para ridicularizar essa elite e dessacralizar a festa das Onze mil virgens.

A menção à obra de Cervantes não é por acaso. O poeta Gregório de Mattos Guerra, conhecido como “a boca do inferno” ou “a boca da verdade”, criticava a igreja e os governantes. Se tratando de uma festa religiosa, como das onze mil virgens, a referência ao *Quixote* é com objetivo de galhofa e sátira. Ao comparar o cavaleiro com Sancho Pança, o poeta destitui a cavalhada em homenagem às santas de suntuosidade e seriedade, conferindo à atuação dos cavaleiros o tom de comédia encontrada no próprio Dom Quixote, da mesma forma como a edição príncipe foi, a princípio, recebida na Europa.<sup>10</sup> Com isso, Mattos denuncia a falsidade dos pretensos aristocratas que, mesmo de origem bastarda, isto é, provavelmente mulatos, queriam aparentar riqueza e nobreza e desprezavam os escravos e os índios. No entanto, denuncia a vileza dessa elite, por isso, a aproximação com Sancho Pança que não era como Don Quixote, de origem fidalga e nobre.

Nesse sentido, embora a referência ao personagem cervantino não seja explicitamente direcionada ao recebimento de terras e cargos de

10 Conforme Reguera (2005, p.20), a leitura contemporânea à primeira edição do Quixote, considerando as duas partes, a primeira, publicada em 1605, e a segunda, em 1615, foi como: “obra para “universal entretenimiento de las gentes”, del “más gustoso y menos perjudicial entretenimiento que hasta agora se haya visto” (II,3); libro para hacer olvidar los libros de caballerías” (II, 16)...

poder e influência no poema, é possível estabelecer esta relação interpretativa pela crítica galhofeira do poeta ao comportamento de um dos membros da elite colonial do século XVII na cavalcada das Onze mil virgens. Além disso, há a oposição barroca gregoriana essencial entre a santidade da festa, seus propósitos x a má conduta do cavaleiro durante a cavalcada.

Por isso, Gregório de Mattos se relaciona com a orientação literária presente em *Dom Quixote*, que é o barroco gongoriano<sup>11</sup>, especialmente na primeira parte, porém, mesclado com uma naturalidade no narrar, descrita por Vieira (2012), como “escribo como hablo”. O “escrever como se fala” já é uma característica cervantina que já se opõe à linguagem altamente rebuscada do barroco e já se aproxima do renascimento. Segundo Vieira (2012, p. 2012),

[...] Cervantes não apenas optou por uma escrita pautada pela naturalidade, como também soube ridicularizar tão bem como Erasmo em *Elogio da Loucura* (1509) a erudição pedante. Em outros termos, soube alcançar a naturalidade, almejada pelos autores do século XVI, ao mesmo tempo em que revestiu seu texto de grande complexidade.

Nesse sentido, o texto cervantino busca não só satirizar as novelas de cavalaria, mas a um conceito de literatura cuja preocupação era muito mais com o rebuscamento da linguagem do que com o sentido. Esse conceito de literatura também se relaciona com a sociedade da época, cujo poder ainda estava centrado no clero e nas mãos dos aristocratas, bem como a transição que passava entre o teocentrismo e o humanismo que estava surgindo. A ideia central do barroco era mostrar esse conflito. Também se primava pelo o uso de uma linguagem mais simples, o que aproxima a literatura de qualquer leitor, a partir da ideia de que a obra de arte devia ser acessível ao povo.

11 De acordo com Vieira (2012), Cervantes utiliza a forma poética ornamentada encontrada na obra de Luís de Góngora.

Desse modo, Gregório de Mattos utiliza *Dom Quixote*, ainda que por uma menção breve no poema “As festas a cavalo que se fizeram em louvor das onze mil virgens”, para subjetivar sua própria história, isto é, seu envolvimento com a igreja e seu conflito pessoal com ela, bem como para criticar o contexto social e cultural da sociedade do século XVII. Esta estava marcada pela cultura europeia, principalmente a espanhola, dominante em Portugal, bem como a interpretação da obra realizada neste período. O poeta denunciava ainda as contradições da sociedade brasileira, regida por valores ainda feudais nessa época.

Mattos denuncia, especialmente no comportamento das pessoas comuns e dos governantes, no caso o conde do Prado, que havia uma dinâmica de aparências e de domínio do clero. Por isso, usa a figura de Sancho Pança. Essa leitura reflete a perspectiva sobre a obra durante o século XVII que era, segundo Close (1978),

[...] La ficción cômica-como la novela picaresca y el Quijote-tuvo que enfrentarse al prejuicio de ser frívola o, lo que es aún peor, moralmente peligrosa (sobre todo en el caso de la picaresca). Así, en las reflexiones literárias más enjundiosas se omitía el caso del Quijote. La omisión tuvo también otra causa importante: los contemporáneos de Cervantes leyeron literalmente y aceptaron su intención, variamente reiterada. (CLOSE, 1978, p.33)<sup>12</sup>

Dessa forma, por ser o *Quixote* considerado por seus contemporâneos uma obra frívola, que suscita o riso, Gregório de Mattos utiliza esse caráter dos dois personagens para ridicularizar a elite que o conde representa, bem como os cavaleiros presentes na cavalcada da festa. Além disso, enxerga Sancho e o Quixote como exemplos de maus comportamentos dessa elite colonial. Tais atitudes, no que se pode apreender pelo fragmento,

12 A ficção cômica-como a novela picaresca e o Quixote-teve que enfrentar o preconceito de ser frívola, ou ainda pior, de ser moralmente perigosa, sobretudo o caso da picaresca. Assim, nas reflexões literárias mais julgadoras, se omitia o caso do Quixote. A omissão também teve outra causa importante: a de que os contemporâneos de Cervantes leram literalmente e aceitaram a sua intenção variadamente reiterada.

são prepotência de se sentir superior aos outros, mesmo não tendo uma origem nobre, branca, o que perpassa pelos preconceitos de raça. Desse modo, ao considerar que o Quixote era, literalmente, uma sátira às novelas de cavalaria, Mattos a usou para criticar esse sistema colonial brasileiro muito semelhante ao feudal.

A perspectiva sobre o protagonista e seu escudeiro presente no poema já aponta um direcionamento da leitura relacionada aos aspectos locais e a uma crítica social, conforme afirmam Hansen e Moreira (2014), apresentada nas festas realizadas no terreiro das onze mil virgens. Por isso, este fragmento revela um tipo de interpretação sobre o *Quixote* que se tornará recorrente, embora semelhante à hispânica no tom humorístico, mas diversa na intenção, sob diversas formas e temas diferentes, na acolhida e leitura brasileiras a qual relaciona o personagem com as condições e anseios do próprio contexto do Brasil. Esta leitura critica as autoridades, comparando-as aos dois principais personagens, Quixote e principalmente a Sancho, da obra. A visão gregoriana é cômica e satírica, usada para apontar comportamentos degradantes na elite aristocrata colonial brasileira.

## REFERÊNCIAS

BROCA, Brito. **O engenhoso fidalgo Miguel de Cervantes. 7. ed.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964.

CÂNDIDO, Antônio. O Sertão e o mundo. In: CÂNDIDO, Antônio. **Tese e Antítese.** São Paulo: Companhia Editôra Nacional, 1964, p. 119-140.

CASCUDO, Câmara. **Com Don Quixote no folclore do Brasil.** In: CERVANTES, Miguel de. Don Quixote de la Mancha. v. 1. ANDRADE, Almir de; AMADO, Milton. (Trad.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1952, p. 3-10.

CLOSE, Anthony. **Cervantes-Don Quixote.**

Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

DUARTE, Stela Beatriz. **A fundação da confraria das Onze mil virgens na colônia.** Clio-revista histórica. n.29. Uberlândia: Universidade de Uberlândia, 2012, p. 1-22.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora: nova fronteira, 2004.

HANSEN, João Adolfo; MOREIRA, Marcello. **Gregório de Mattos-vol 1: poemas atribuídos: Códice Asensio-Cunha.** Rio de Janeiro: Autêntica, 2014.

HANSEN, João Adolfo; MOREIRA, Marcello. **Para que todos entendais-poesia atribuída a Gregório de Mattos e Guerra-** letrados, manuscritos, retórica, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII. vol 5. Rio de Janeiro: Autêntica, 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

JUNQUEIRA, Ivan. **Conferencia sobre Cervantes.** 2012. Academia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D338/Confer%C3%Aancia%20sobre%20Cervantes>. Acesso em: 18 out. 2018.

LIMA, Samuel Anderson de Oliveira. **Gregório de Mattos: do barroco à antropofagia.** Edufrn: Natal, 2016.

MATTOS, Gregório de. **“As festas a cavalo que se fizeram em louvor das onze mil virgens”** DOMÍNIO PÚBLICO 3a. Ed, 1992. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000211.pdf> Acesso em: 11\07\2018.

REGUERA, José Montero. **El Quijote durante cuatro siglos: lecturas y lectores.** Valladolid,

Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2005.

VENTURINI, Aline. **A presença dos pressupostos de Miguel de Unamuno na revista Quixote\RS: leituras e acolhidas de Dom Quixote.2019.** Tese (doutorado em Literatura-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019).

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. **A narrativa engenhosa de Miguel de Cervantes.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Fapesp, 2012.

**Submissão: agosto de 2020.**

**Aceite: setembro de 2020.**